

UMA BREVE LEITURA DO EXÍLIO NA OBRA, *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO

Jéssica Magno de Oliveira Souza (UFPA)
Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo: A dura realidade social imposta a determinados sujeitos podem acarretar a ele diversos problemas de ordem psicológica, em particular. Ciente disso, a literatura tem trabalhado com vários personagens que podem exemplificar tal situação como é o caso da personagem Farida em *Terra Sonâmbula* (1996) de Mia Couto. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é analisar como e por que a realidade de Farida a levou ao exílio. Para tanto, essa pesquisa terá como apporte teórico Edward Said (s.d), em especial, entre outros estudiosos. A análise levou-nos a concluir, entre outras coisas, que o fato de ser mulher e estar fora da sua terra natal colocou-a numa situação de desterro e para fugir dessa realidade, exilou-se na própria loucura.

Palavras-chave: Exílio. Literatura. Mulher

A dura realidade social imposta a determinados sujeitos podem acarretar a ele diversos problemas de ordem psicológica, em particular. Ciente disso, a literatura tem trabalhado com vários personagens que podem exemplificar tal situação como é o caso da personagem Farida em *Terra Sonâmbula*, (1996) de Mia Couto. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é analisar como e por que a realidade de Farida a levou ao exílio. Para tanto, essa pesquisa terá como apporte teórico Edward Said (s.d), em especial, entre outros estudiosos.

Para um melhor desenvolvimento desse trabalho, primeiro apresentemos de forma breve as concepções sobre o exílio, tomando como base o texto *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, de Edward W Said (1996). Em seguida, teceremos algumas considerações sobre o autor e obra a ser analisada, *Terra Sonâmbula*, depois, será analisada como e por que a realidade da personagem Farida a levou ao exílio e, por fim, as conclusões serão apresentadas.

Logo de início no texto *Reflexões sobre o exílio*, o autor afirma que “o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar” (SAID, [s.d], p. 46). Said afirma ainda que o exílio “é uma ferida incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, [s.d], p.46). Para ele, nada pode apagar as lembranças e a dor vivida quando o exílio acontece, pois são momentos terríveis e que deixam marcas para sempre na vida de quem o vivenciou.

Tomando como base as palavras de Said, de que as lembranças do exílio são terríveis, podemos notar dois pontos importantes, o primeiro é de ordem social e o segundo, emocional psicológico. De ordem social, pois o exilado ao se deparar com o novo (nova língua, nova cultura, nova religião, etc.), se sente só, apesar de estar

acompanhado. Isso acontece, porque, nas palavras do autor, “o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal” (SAID, [s.d], p.50), ou seja, o exilado sente-se desconfortável, perdido dentro do meio.

Em relação à questão psicológica e emocional, podemos observar, segundo as palavras de Said, que “ter raízes é talvez a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana” (SAID [s.d], p.56). Em uma situação de exílio, saber administrar as perdas é muito complicado e difícil de aceitar, e isso mexe muito com o psicológico do homem, o que compromete sua estabilidade emocional, pois o mesmo não tem certeza de nada. Por conta disso, Said afirma que “nada é seguro. O exílio é uma condição ciumenta” (SAID, [s.d], p.51).

O que podemos notar é que na vida do exilado, o social e o emocional andam juntos. Mente e corpo. O mesmo busca constantemente resgatar suas raízes, sua identidade, por isso, “os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado” (SAID [s.d], p.50). O que podemos perceber é que a condição de exílio não tira apenas a pátria do homem, mas tira também a sua identidade, a sua dignidade, Said diz que “à medida que nos afastamos do mundo do Atlântico, a cena se torna terrível e lastimável: multidões sem esperança, a miséria das pessoas “sem documentos” subitamente perdidas, sem uma história para contar” (SAID, [s.d], p.49).

Se o exílio é algo imputado por um ser humano para outro, de acordo com Said poderíamos nos questionar da seguinte forma: como a sociedade prega tanto o respeito aos direitos humanos, do amor e respeito ao próximo e não pratica? O exílio é prova disso! Said fala que não dá para considerar apenas discursos e palavras bonitas, “é preciso pensar nos camponeses refugiados sem perspectiva de voltar algum dia para casa, armados somente com um cartão de suprimentos e um número da agência” (SAID, [s.d], p.49). E também lembrar que “Paris pode ser a capital famosa dos exilados cosmopolitas, mas é também uma cidade em que homens e mulheres desconhecidos passaram anos de solidão miserável” (SAID, [s.d], p.49).

Nesse contexto, a partir de agora, será feita uma análise do exílio na vida da personagem Farida do romance *Terra Sonâmbula* (1996), de Mia Couto, e de como esse fato afetou seu estado psicológico e emocional ao ponto dela se exilar na própria loucura.

Por meio de sua obra, Mia Couto- pseudônimo de Antônio Emílio L. de Couto, retrata características relevantes das expressões orais dos povos indígenas, dá ênfase as suas crenças, seus costumes, sua cultura, o que se torna um discurso literário crioulizado. No livro África e Brasil, Mia Couto é citado como:

Um dos maiores prolíferos escritores africanos de língua portuguesa, emprega neologismo, fraseologia inovadora e situações surrealistas nos seus contos e romances (Africa e Brasil, 2006, p.27).

Em *Terra Sonâmbula*, Farida é uma mulher linda, misteriosa e cheia de complexos, que mora em um navio abandonado e tem surtos de delírio. Kindzu, a primeira vez que viu Farida relatou que:

Foi então que encontrei a mulher. No princípio, era só um vulto no meio das cordas. Seria mais um fantasma? Depois, seu rosto apareceu mais claro [...] A mulher começou então a estremecer, parecia sofrer de todos os frios e arrepios. Os olhos perderam o centro, as mãos procuravam gestos longe do corpo. Tombou no chão, se enrolando nas cordas. Parecia que seres invisíveis lhe amarravam e ela resistia com desespero. Me levantei, querendo ajudar. Segurei-lhe o corpo. Mas ela me sacudiu, violenta. Voltei a apanhar seus braços, lhe preendi de encontro a mim. Assim, prisioneira de mim, eu senti como seu corpo fervia. (COUTO, 1996, p. 35).

Logo na sua primeira aparição dentro do romance, a personagem tem um dos seus surtos de delírio e dentro desse paradigma ela é vista como uma pessoa com muitos conflitos, conflitos psicológicos e também emocionais. E esses surtos de delírio demonstram a grande dor e o desespero que estavam em seu coração.

Mas o que levou Farida a esse estado psicológico e também emocional?

A esse respeito citarei de forma não muito aprofundada três fatos relevantes dentro do romance que pode ter colocado a personagem em estado de exílio que são: a guerra; o colonialismo e a cultura local.

Primeiramente, analisemos a questão da guerra. O que podemos perceber na leitura de *Terra Sonambula*, é que todo o romance se passa durante a guerra civil, e dentro desse contexto histórico, o que se percebe na realidade do país é a fome, a miséria e a destruição. Uma nação que tinha conseguido a independência, mas não tinha perspectiva de um futuro melhor. E dentro desse panorama de desgraças e turbulências que iremos analisar como a personagem vivenciou toda essa situação.

Partindo do ponto de que a guerra gera no ser humano vastas consequências tanto física como psicológica, podemos notar que Farida sentia-se só e cercada de medo, dúvidas e angústias, pois a guerra não afeta apenas o lado social, mas principalmente o psicológico e emocional do ser humano. O fato de ter que sair de seu lugar de origem não é fácil. Ter que abandonar a casa, família, sua história, de certa forma, pesa tanto ao ponto de abalar o emocional do homem. Said diz que “o exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela - o que é verdade para todo exilado não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos”. Said ainda afirma que “o exílio é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado” (SAID [s.d], p. 50).

A guerra retratada por Mia Couto no romance afetou todos os personagens, os quais de uma certa maneira perderam algo, a família, o passado, a dignidade, o respeito, o amor próprio, etc.

Dentro desse contexto, a personagem Farida toma a decisão de ir embora, do seu país, fugir desse ambiente sombrio, e ir para bem longe de toda esse sofrimento, e ela encontrou em um navio encalhado sua única chance de conseguir esse objetivo, pois:

Estar ali era para Farida como uma estação de aguardo para uma outra vida. De uma coisa ela tinha certeza: os donos do navio viriam buscar suas propriedades. Um navio daquele tamanho, maior que uma povoação, não podia ser deixado assim. Os devidos proprietários viriam buscar-lhe e a encontrariam ali, pronta para toda a viagem. (COUTO, 1996, p.47).

Em contato com o trecho acima, relembramos o que Said diz sobre o exílio: “o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele ou ele nos acontece” (SAID, [s.d], p. 57). Mas para Farida o exílio era visto como uma forma de realizar seu desejo de fugir da própria realidade, seu último “fio de esperança”, pois, a certa altura do texto, a personagem demonstra que já havia perdido em parte a vontade de viver e, por isso, ela ao usar a simbologia de um farol explicou a Kindzu o seguinte:

- Vê aquelas sombras lá? É uma pequenita ilha. Nessa ilhinha está um farol. Já não trabalha, se cansou. Quando esse farol voltar a iluminar a noite, os donos deste barco vão poder encontrar o caminho de volta. A luz desse farol é a minha esperança, apagando e acendendo tal igual a minha vontade de viver. (COUTO, 1996, p.47).

Utilizando as palavras de Farida, de que a luz do farol era sua esperança, podemos perceber então que para muitas pessoas exiladas a esperança em tempos de guerra é uma arma importante para tentar seguir em frente, ter forças para reconstruir a vida. Said aconselha que o exilado não fique “sentado à margem, afagando uma ferida, há coisas a aprender” (SAID, [s.d], p.57).

Apesar de a guerra ser um dos principais fatores que levam o homem ao exílio, tratemos aqui de outro tão importante quanto este que é a colonização. No livro *Teoria literária: abordagens histórias e tendências contemporâneas*, o Thomas Bonnici (2003, p.209) diz que “o termo colonialismo caracteriza o modo peculiar como aconteceu a exploração cultural durante os últimos 500 anos causada pela expansão europeia”. Os efeitos da colonização infelizmente apagam parte de todo legado cultural de um povo, privando as gerações futuras da sua própria história. O mesmo autor ainda descreve como estava o panorama mundial do início do século XX por conta dos efeitos da colonização:

Iniciou-se o século XX com um triste panorama composto (1) por dezenas de povos e nações submetidos ao colonialismo europeu, (2) por milhões de negros, descendentes de escravos, especialmente nos Estados Unidos e na África do Sul, discriminados em seus direitos fundamentais, (3) pela metade feminina da população mundial vivendo num contexto patriarcal, (4) pelo poder político e econômico nas mãos da raça branca, cristã e rica nos países industrializados. Apesar dessa imagem sombria, um dos fatores mais característicos do século XX foi a nítida consciência da subjetividade político-cultural e da resistência de povos e nações contra qualquer tentativa para manter a objetificação ou iniciar uma nova modalidade de dependência” (BONNICI, 2003, p. 208).

Observando os vestígios da colonização, podemos perceber que suas sequelas influenciaram de forma trágica, negativa e decisiva a vida de muitos povos, entre eles os povos africanos, os quais tiveram que deixar para traz suas raízes. Aliás, as raízes são parte da nossa história, uma história construída dentro de um local, com uma cultura, um idioma e suas tradições e que infelizmente acabaram sofrendo com as intervenções da colonização e também da escravidão.

Nas páginas de *Terra sonâmbula*, são notórios os efeitos da colonização e suas trágicas consequências na vida dos personagens, e, em particular, na vida de Farida. A esse respeito, Kindzu relata em relação aos delírios de Farida, dizendo que “parecia que seres invisíveis lhe amarravam e ela resistia com desespero” (COUTO, 1996, p. 35). Podemos associar esses seres invisíveis que a amarravam às sequelas deixadas pela colonização e por conta disso ela se sentia perdida entre as tradições de seu país e as tradições impostas pelos colonizadores. No trecho abaixo, podemos verificar esses efeitos na vida dos personagens através das reflexões de Kindzu que diz o seguinte:

Pensava sobre as semelhanças entre mim e Farida. Entendia o que me unia àquela mulher: nós dois estávamos divididos entre dois mundos. A nossa memória se povoava de fantasmas da nossa aldeia. Esses fantasmas nos falavam em nossas línguas indígenas. Mas nós já só sabíamos sonhar em português. E já não havia aldeias no desenho do nosso futuro. Culpa da Missão, culpa do pastor Afonso, de Virgínia, de Surendra. E sobretudo, culpa nossa. Ambos queríamos partir. Ela queria sair para um novo mundo, eu queria desembarcar numa outra vida. Farida queria sair de África, eu queria encontrar um outro continente dentro de África. Mas uma diferença nos marcava: eu não tinha a força que ela ainda guardava. (COUTO, 1996, p. 53-54).

Observa-se pelo trecho acima, a necessidade de afirmação dos personagens dentro desse novo contexto pelo qual vinha passando seu país, após a independência. Também mostra claramente o peso do colonialismo nas suas vidas e principalmente nas suas mentalidades, pois eles estavam divididos entre dois mundos: de um lado a tradição moçambicana e de outro a mescla dessa cultura com a cultura do colonizador. A interferência ocorrida no curso das suas identidades linguísticas e cultural fez com que eles agora só soubessem “sonhar em português”. Nas entrelinhas do trecho acima também é clara a vontade de Farida em deixar a África, nesse ponto, a sua estadia no navio era o passaporte para sua nova vida. Essa busca da personagem nos remete as palavras de Said quando diz que “a vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar” (SAID, [s.d], p.54).

Se, por um lado, a cultura imposta pela colonização influenciou as decisões e o estilo de vida de Farida, a cultura local culminou em tragédias para sua história. Mia Couto se utiliza da personagem para retratar um pouco da cultura e das crenças moçambicana. No caso de Farida essas crenças atuaram de forma negativa e isso influenciou toda a sua trajetória, como podemos perceber através da passagem a seguir:

Farida era filha do Céu, estava condenada a não poder nunca olhar o arco-íris. Não lhe apresentaram à lua como fazem com todos os nascidos da sua terra. Cumpria um castigo

ditado pelos milénios: era filha-gêmea, tinha nascido de uma morte. Na crença da sua gente, nascimento de gêmeos é sinal de grande desgraça. No dia seguinte a ela ter nascido, foi declarado chimussi: a todos estava interdito lavrar o chão. Caso uma enxada, nesse tempo, ferisse a terra, as chuvas deixariam de cair para sempre. (COUTO, 1996, p.40).

Em contato com o trecho acima percebemos claramente os mitos envolvendo o seu nascimento e as consequências disso para toda a aldeia. Se por conta de seu nascimento foi-lhe imputado uma maldição, podemos dizer que o isolamento social foi o primeiro impacto de muitos outros que viriam, pois, depois do enterro de sua irmã “mandaram que a mãe saísse da aldeia. Junto com a filha foram morar num mato próximo, de verdes desleixados. Ali viveram sem nunca receber visitas: vinham os da família, mas ficavam longe, escondidos. Receavam o contágio” (COUTO, 1996, p.40).

A discriminação que Farida e sua mãe sofreram dentro da sua terra foi um dos principais motivos para ela querer ir embora da África. Observa-se com isso, como algumas das tradições podem ser trágicas e trazer consequências ruins para a vida do sujeito que sofre a pena, como foi o caso de Farida, ao ter que viver isolada das pessoas porque era considerada amaldiçoada. Ainda outra consequência relacionada às tradições na vida da personagem foi a morte trágica de sua mãe por conta de um ritual para aplacar a ira dos antepassados e para que assim voltasse a chover na aldeia. Sendo assim, o texto relata o seguinte:

Como as chuvas demorassem, vieram buscar a mãe. No quintal dela entraram mulheres meio-nuas, essas que costumavam limpar os poços. Precisavam de uma mãe de gémeos para as cerimónias mágicas. Mandaram que ela mostrasse o túmulo de sua filha. Farida acompanhou o grupo que, em fila, foi até à margem do rio. Quando chegaram à campa, as mulheres verteram água sobre o pote fúnebre. Dançaram, xiculunguelando (Xiculunguelar: ulular feito pelas mulheres em momentos de alegria.). Depois, meteram a velha num buraco e foram-no enchendo de água. Ela pedia: me deixem, tenho frio.

Mas as mulheres não abrandavam. A mãe de Farida visitara o Céu e se ela estivesse molhada, certamente as nuvens também se encharcariam. As chuvas viriam, por fim. (COUTO, 1996, p.41).

Em relação ao trecho acima, a questão envolvendo a morte da mãe de Farida é muito forte, e a forma como as personagens aceitaram muito passivamente esse martírio é interessante. Fato, aliás, que nunca foi bem aceito por ela, e é claro que isso mexeu muito com o seu emocional e psicológico, pois “desde então, a infância de Farida ficou órfã. Ela cresceu acarinhada por si mesma, na infinita espera de sua mãe. Acreditava que ela regressaria envolta em seus tristes trapos” (COUTO, 1996, p.41).

Ainda falando da questão cultural, a partir da morte de sua mãe, Farida teve que enfrentar sozinha um fato que a desestabilizou completamente, a gravidez indesejada que resultou no abandono do seu filho Gaspar na porta de uma igreja. É nesse ponto que vemos a fraqueza de Farida com medo de uma retaliação social muito maior, e por conta disso a única forma que ela achou para explicar sua gravidez foi apropiar-se da crença e dizer que seu filho era albino e “nascera assim

porque, durante o ventre dela, fora atravessado por um relâmpago. Era essa a crença que explicava os albinos.” (COUTO, 1996, p.45).

Em relação à maternidade, percebe-se que Farida foi covarde em não assumir seu filho, talvez por ser mãe solteira, ou pelo fato de ter sido violentada e mais ainda, por medo e vergonha do que isso ia causar na sua vida social e também na vida dessa criança a qual estava gerando. Quando argumenta que:

Se eu apresentar o menino como albino vou criar mais um motivo para ser afastada. Euzinha bem sabia o preço dessa mentira. Ninguém mais poderia beber pelo seu copo, nenhuma mulher se deteria no caminho para lhe trocar os bons-dias. Nascida gémea primeiro, agora mãe de um albino: ela era a pior das leprosas, condenada para sempre à solidão. (COUTO, 1996, p.45).

Farida ciente das consequências sociais que acarretariam sua gravidez toma a dura decisão de abandonar seu filho, pois, “esse menino nasceu sem que ela nascesse mãe. Em nenhum momento Farida notou alguma vontade de lhe dar cuidados. Foi à igreja e entregou a criança como se fosse uma encomenda de ninguém, um lapso da vida. Ficou lá, na Missão, nunca mais ela o viu” (COUTO, 1996, p. 45). Porém, esse laço rompido acrescentou em sua vida emocional muita culpa e sofrimento, uma dor que por ela é sempre lembrada com tristeza:

Porque se era punida por sua lembrança só ganhava amargura com seu esquecimento. Não podia nomear esse filho dela, caso senão ele todo lhe vinha à boca, lhe estalavam os lábios para saírem suas porções. Essa criança está-me dentro, sobra-me. Assim dizia Farida. E acrescentava: Tenho-o dentro como um fruto abriga o caroço. Eu sou a povoá dele, estou nascendo dele, empurrada pelo seu corpo, amadurecendo até tomar na terra e ser comida pelos vermes. É assim que me sinto. (COUTO, 1996, p.45).

Percebe-se através do trecho acima, que apesar das consequências da atitude que tomou, Farida em nenhum momento quis reparar seu erro, preferindo carregar para sempre essa culpa. E por conta disso, ela decide “cumprir um sonho antigo: sair dali, viajar para uma terra que ficasse longe de todos os lugares” (COUTO, 1996, p.47). Através de seus atos, observa-se que a personagem foi muito influenciada pelo meio, e isso a impedia de se assumir, de assumir seu filho, seu relacionamento com Kindzu, seu passado, vivia à margem da sociedade, da realidade, e com isso, afastava de si a chance de ser feliz. Farida exilou-se não apenas da sua terra, mas também da sua vida. Ela em vez de reagir e lutar decide fugir.

Conclui então, que os diversos acontecimentos analisados acima, a guerra, as sequelas da colonização e as consequências da cultura local levaram Farida a um estado de isolamento social, sua vida agora se limitava unicamente ao espaço do navio. Todas essas circunstâncias foram cruciais para colocá-la numa situação de desterro, longe de sua terra e no meio do mar. Nesse momento, o exílio foi para ela a maneira que encontrou de fugir da realidade, e isso tudo por não saber lidar com a própria realidade e as consequências de seus atos, se deixando levar pelas

circunstâncias e sendo engolida pelo meio social, pois o fato de não conseguir administrar dentro de si a dor e as frustrações das perdas que sofreu ao longo da vida, colocou-a numa situação de desterro e para fugir dessa realidade, exilou-se na própria loucura.

Referências

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica pós-colonialista**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas/ organização**. Maringá: Eduem, 2003.

CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda; SALGADO, Maria Teresa (Org.). **África & Brasil: Letras em laços**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. 1996. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: janeiro de 2014

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, [s.d].